

KOHELET: O MITO-TRADUÇÃO E A TRADUÇÃO-MITO

Paulo Cabral da Silva Junior (UERJ)

alef.10@uol.com.br

Izabela Bocaiuva (UERJ)

Toda tradução da Bíblia advém de uma ou mais tradições que se consolidaram ao longo dos últimos dois milênios. No entanto, o trabalho em questão busca progressiva autonomia para apontar inúmeros fatores problemáticos, dificuldades e possibilidades inerentes à língua hebraica; às múltiplas tradições orais; às composições, reedições e diversidades de cópias dos chamados textos originais; e às suas quase infindáveis interpretações. Para tal desafio, dos 39 livros do Tanach (Antigo Testamento), elegeu-se apenas o sapiencial Kohelet (Eclesiastes) como paradigma da “intraduzibilidade plena” ou da “infinda traduzibilidade”. Kohelet é o mais adequado por ser existencialista, compacto, simples, polêmico e duvidoso: Até hoje não se sabe ao certo a autoria e datação; nem mesmo se ele é reflexo do pensamento sumério e/ou helênico; autobiografia ou ficção; dentre outras razões pouco ortodoxas que retardaram sua canonização. Por isso, é possível torná-lo num experimento plástico, traduzindo-o e retraduzindo-o de diversas formas e sob diferentes prismas hermenêuticos, sem que isto fira diretamente à sacralidade das doutrinas e dogmas judaico-cristãos que, normalmente, se fundam em outros livros. Logo, este trabalho de pesquisa dividir-se-á em três momentos: I- Artigo introdutório, acompanhado de uma tradução literal do hebraico, apresentado no VI SINEFIL; II- Aprofundamento argumentativo e demonstrativo, acompanhado de uma nova tradução mais ajustada ao sentido da língua portuguesa, apresentado agora no XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia; e III- Conclusão, acompanhada de uma versão completamente inovadora e, ao mesmo tempo, fidelíssima às fontes primárias, a ser publicada.